

Eleitor vai à forra nas urnas

Collor foi quem melhor explorou descontentamento

BRASILIA — O descontentamento com o governo, o contracheque, os aumentos sucessivos das contas de luz e água, as mensalidades escolares, enfim, o dia-a-dia fez com que o brasileiro se vingasse nas urnas. Alguns ficaram com os candidatos de esquerda, mas a maior fatia dos eleitores escolheu Fernando Collor de Mello (PRN), que conseguiu capitalizar na hora certa essa insatisfação. Esse foi efetivamente seu maior mérito e até os adversários reconhecem a habilidade em explorar o descontentamento popular. Crítico feroz do governo José Sarney, Collor não fez promessas, mas conseguiu despertar esperanças.

Cristóvam Buarque, economista e ex-reitor da UnB (Universidade de Brasília): “O descontentamento do povo brasileiro não está educado. Num determinado momento, o funcionário público, que recebe salários baixos e, por isso, tem raiva do Estado, votava no Afif Domingos (PL), que propunha acabar com o Estado. As dificuldades do país são identificadas pelo povo com o governo. O mérito do Collor foi conseguir captar esse sentimento e o povo identifica Collor com o contra.”

Jarbas Passarinho, senador e líder do PDS: “Collor apresentou grande virulência verbal contra o presidente José Sarney, capitalizando o voto de protesto, o voto de raiva. Antes mesmo do início da campanha, ele atingiu as classes D e E e foi sustentado por elas. Afinal, os pobres sentem mais os efeitos de uma inflação mensal de 40%. Há quase um paralelo entre o sucesso de Lula e o de Collor. Os dois tiveram a mesma substância: o descontentamento e a venda de esperanças.”

José Costa, deputado (PSDB-AL): “Quando o Collor deixou o governo de Alagoas, sua popularidade era de apenas 30%, porque sua administração foi um desastre. Através da mídia, transferiu a responsabilidade do seu fracasso ao governo Sarney, que lhe teria negado verbas. Através de uma campanha milionária, Collor convenceu os alagoanos de que se ele for eleito presidente, o estado será transformado num paraíso terrestre.”

Luiz Roberto Ponte, deputado (PMDB-RS) e líder do governo: “O eleitor brasileiro está desejoso de mudanças. Quer o anti-político. E acreditou que Collor é isso. Ele criou a figura do *marajá* e transformou-se no principal combatente dessa injustiça. Além disso, foi ajudado pela mídia. Outras características que atraíram: juventude, energia, anti-governo, e tudo isso veio ao encontro do anseio do povo de achar um justiceiro.”

Ronaldo César Coelho, deputado (PSDB-RJ): “Para o eleitor despolitizado, o Collor passou uma imagem de mudança, embora seja um político tradicional cercado por péssimas companhias. Foi eleito pelo voto mudancista do povão, que não sabe distinguir quem realmente está representando inovação. É claro que a imagem de combatente do governo Sarney contribuiu. Afinal, ele foi o único governador que denunciou o acordo do PMDB em favor do mandato de cinco anos para o Sarney.”

Mauro Santayanna, ex-conselheiro político de Tancredo Neves: “Os que votaram em Collor, fizeram-no por duas razões fundamentais: a maioria, pelo desejo de mudar, e a minoria, mas bem informada, pelo desejo de não mudar. Ele fez um projeto eleitoral competente, colocan-

do-se contra os funcionários que recebem salários altos e isto produziu efeitos nas pessoas mais pobres e humilhadas. Só que estas não entenderam que ele faz parte desta humanidade que oprime, humilha e vive bem.”

Fernando Santana, deputado (PCB-BA): “Collor foi um candidato produzido pela mais alta tecnologia para transformar-se num extra-terrestre. Não tem passado, nem presente na terra. Parece não ter sido originário de uma das mais duras oligarquias nordestinas. Não acreditam que ele nomeou mais de quatro mil funcionários no último dia de gestão na Prefeitura de Maceió, nem que votou contra as eleições diretas. É um cidadão que chegou de outra galáxia e pousou no Brasil. Mal informado, o povo, que só pode ver TV, comprou esta imagem.”

Severo Gomes, senador (PMDB-SP): “Para o bem ou para o mal, o eleitor deu um voto de protesto, escolhendo Collor, Lula e Brizola. Collor capitalizou bem a posição anti-governo, embora no seu programa nada mostrasse a diferença entre sua candidatura e o governo do presidente José Sarney.”

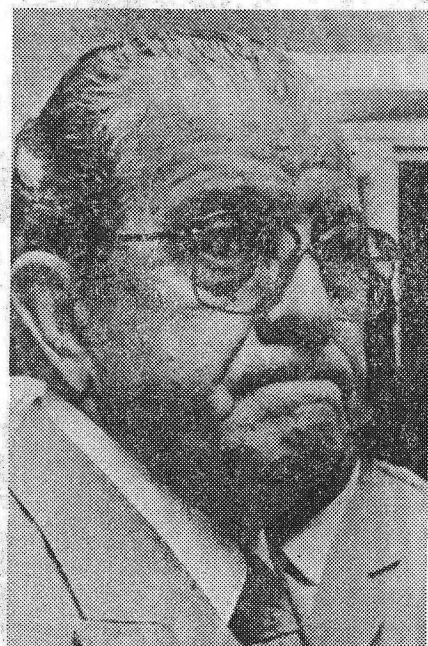
Sandra Cavalcanti, deputada (PFL-RJ): “Quando a vida já estava intolerável e os políticos mergulhados na Constituinte, um moço de um estado nordestino levantou uma questão — a dos *marajás* — que foi reconhecida pelo povo como a mais importante de todas. Houve uma sintonia fina com o povo. Ele tomou a frente anti-governo, tocou na ferida do fisiologismo, do privilégio, ficou contra os cinco anos, saiu antes de todos para denunciar a má aplicação dos recursos públicos. Teve uma vantagem sobre todos os outros: não é um protagonista de 1964 e, portanto, não tem o queixume deste período. O povo está cheio de lamúrias.”



Ronaldo César Coelho



Severo Gomes



Jarbas Passarinho